

**PERCEPÇÕES DA MORTE E DO MORRER ENTRE MILITARES DO CORPO
DE BOMBEIROS: (Des)Temores do trabalho**

**PERCEPTIONS OF DEATH AND DYING BETWEEN THE FIRE DEPARTMENT
MILITARY: (Des) Fears of work**

Erasmo Miessa Ruiz¹

Yara Maria Bernardes Monteiro²

Francisca Emanuelle Tassiane Rodrigues Nobre³

RESUMO

Embora a preocupação com o impacto da morte na vida psíquica remonte as origens do pensamento moderno, como demonstra os trabalhos pioneiros de Sigmund Freud e William James, há uma relativa escassez de pesquisa sobre a questão da morte e do morrer fora das preocupações mais centradas na saúde mental (KASTEMBAUM, 1983). Sem adentrar no mérito de se a vivência da morte implementaria formas mais ou menos específicas de sofrimento psicológico, queremos discutir as formas como a relação trabalho e morte são vivenciadas por indivíduos concretos e, em que aspectos, essas vivências constituem elementos mais ou menos significativos de suas identidades individuais.

PALAVRAS- CHAVE: Morte – Corpo de Bombeiros – Trabalho.

ABSTRACT

While concern about the impact of death on the psychic life remount the origins of modern thought, as demonstrated by the pioneering work of Sigmund Freud and William James, there is a relative paucity of research on the issue of death and dying off more focused concerns on mental health (KASTEMBAUM, 1983). Without going into the merits of the experience of death implement more or less specific forms of psychological distress, we discuss the ways in which the relationship between work and death are experienced by

specific individuals, and what aspects, these experiences are more or less significant elements of their individual identities.

KEYWORDS: Death - Fire Department - work.

INTRODUÇÃO

A busca de uma relação mais direta entre morte e trabalho tendo como campo a subjetividade acha-se mais circunscrita aos trabalhadores de medicina, enfermagem e psicologia. Assim, Ribeiro, Baraldi e Silva (1998) analisaram sentimentos presentes durante o preparo do corpo pós-morte tendo em vista que os profissionais que realizam esta atividade tendem a ser estigmatizados pelo restante da equipe como pessoas frias. Os autores notaram que as pessoas encontravam-se tristes durante o preparo do corpo, havendo diferença deste procedimento com relação aos demais. Há uma correlação entre vinculações anteriores produzidas com o paciente e a expressão de emoção durante o preparo do corpo ficando para os autores evidenciado que a percepção de “frieza” é uma estereotipia que não condiz com a realidade.

Os profissionais de saúde frequentemente têm que manejar pacientes terminais ou potencialmente terminais. Situações que despertam sensações desagradáveis como impotência, angústia, raiva, tristeza, frustração, sofrimento e dor (COSTA e LIMA, 2005; LORENÇON, 1998; PINTO e VEIGA, 2005).

Essas reações parecem estar sempre presentes todas as vezes que esses profissionais se deparam com a morte iminente de um paciente, mas, no entanto, parece que alguns outros fatores vão exercer influência sobre a intensidade da resposta. Fatores como o diagnóstico, o prognóstico, a idade e o tempo de internação vão influenciar a resposta emocional (COSTA e LIMA, 2005).

A situação de vida/morte gera sofrimento na equipe de enfermagem, principalmente pelo caráter humano desse trabalho, em que o envolvimento afetivo com as pessoas assistidas é inevitável. Essa afetivação será tanto maior, quanto maior for o tempo

de internação. Será também maior nos extremos de idade (COSTA e LIMA, 2005), por haver uma identificação dos pacientes com a família. Os idosos remetem os profissionais aos seus pais ou avós, enquanto que as crianças remetem os profissionais a pensarem nos seus filhos.

Estes são apenas alguns estudos. Eles tendem a transformar em objeto de análise a morte enquanto evento a ser vivido e enfrentado como decorrência ou intercorrência do trabalho em saúde. O estudo aqui proposto caminha na direção de buscar indivíduos que estejam vivenciando a experiência da morte ou do morrer no espaço urbano, fora do contexto do trabalho em saúde, a partir de sua inserção em trabalhos cujas práticas os relacionem diretamente com a morte. Assim, analisamos as concepções, percepções e sentimentos a respeito da morte por parte de militares do corpo de bombeiros.

1 PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

A pesquisa científica começa a ser produzida quando o sujeito-investigador vai delimitando os caminhos para o pensamento, estabelecendo técnicas para inquirir o objeto de sua curiosidade. Cada pesquisador elabora a metodologia do seu trabalho unindo ao seu potencial criativo as concepções teóricas de abordagem.

Nas palavras de Minayo (1994, p.22), “[...] a metodologia ocupa lugar central no interior das teorias sociais, pois ela faz parte intrínseca da visão social de mundo veiculada na teoria”. Portanto, a compreensão da metodologia inclui tanto as concepções teóricas quanto o conjunto de técnicas que permitem que o pesquisador trace sua trajetória na busca da apreensão da realidade.

1.1 Tipo de estudo

Em função da especificidade do objeto a pesquisa revela-se principalmente enquanto um estudo qualitativo, buscando além de descrever o objeto, conhecê-lo. Como destaca Martinelli (1999, p.25), a pesquisa qualitativa busca “[...] conhecer trajetórias de

vida experiências sociais dos sujeitos, o que exige uma grande disponibilidade do pesquisador e um real interesse em vivenciar a pesquisa”. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa apresenta-se como uma forma de abordar a realidade que possibilita adentrar-se no mundo de significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências sociais.

1.2. Local do estudo

O estudo foi realizado em duas unidades de salvamento do Corpo de Bombeiros do Estado do Ceará, com sede em Fortaleza.

1.3 Sujeitos do estudo

Para a realização das entrevistas foi feita a opção por indivíduos com maior tempo de experiência dentro da Corporação, e que já tivessem a vivência de resgate de vítimas, dada a particular importância desse tipo de situação para a análise sobre as percepções da morte e do morrer por parte de sujeitos que para a concretização da suas praticas laborais se encontram em contato direto com a morte.

Vale salientar que a seleção dos participantes da pesquisa obedeceu a critérios obtidos a partir de observações preliminares do campo. A quantidade de entrevistas bem como o delineamento do perfil dos participantes foram decorrentes dos dados obtidos a partir das observações preliminares. Assim, contamos com a participação de 8 entrevistados.

1.4 Aspectos éticos

Os participantes envolvidos neste estudo foram convidados a participar das entrevistas, sendo informados dos objetivos da pesquisa, enfatizando que seus discursos seriam utilizados apenas para fins científicos sendo garantido o sigilo ético das fontes de dados. Foi garantido o direito à recusa a participação da pesquisa em qualquer momento de sua realização, sem qualquer prejuízo para os mesmos. Foi informado ainda o direito ao

sigilo da identidade dos participantes, ao respeito a confidencialidade das informações. Desta forma, os nomes atribuídos aqui aos entrevistados são fictícios.

1.5 Instrumentos e procedimentos de coleta de dados

A primeira fase da pesquisa foi destinada ao direcionamento consistente da pesquisa através do aprofundamento do estudo bibliográfica sobre a temática. Como cerne desse momento encontram-se as categorias: morte, identidade, subjetividade, atividade e o trabalho levando-se em conta informações que sejam mais relevantes sobre o campo proposto.

A segunda fase consta da definição e elaboração dos instrumentos para a coleta de informações e análises das mesmas e, por imposição do objeto deu-se mais ou menos concomitante a terceira fase.

A terceira fase constitui-se numa etapa essencial na pesquisa qualitativa, que é a entrada em campo. Inicialmente foi realizado contato com o Quartel do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará para a apresentação da proposta de estudo, e a confirmação da possibilidade de abertura do campo. Foram encaminhados ofício e uma cópia do projeto de pesquisa, ao comandante da Corporação.

As entrevistas foram realizadas nos espaços de duas unidades do Corpo de Bombeiros de Fortaleza. Totalizamos oito entrevistas concluídas. Cessamos esse momento de entrevistas e observações a partir do momento em que percebemos que havíamos chegado ao que Martinelli (1999) chama de “ponto de saturação”. Segundo a autora: "Vamos caminhando até o momento em que nos aproximamos daquilo que seria o ‘ponto de saturação’, ou seja, o momento em que conseguimos identificar que chegamos ao conjunto das informações que podíamos obter em relação ao tema" (MARTINELLI, 1999, p.24). Assim, o importante não é o número de pessoas que vai prestar a informação, mas o universo de significados que compõem as expressões dos sujeitos em função do que estamos buscando na pesquisa.

1.6 Técnica de análise dos dados

A análise do discurso dos sujeitos possibilitou a compilação de aspectos da trajetória de vida desses trabalhadores dando ênfase a história laboral com particular interesse a respeito dos determinantes que levaram o indivíduo a inserção no trabalho atual, e as concepções sobre aspectos referentes à morte e o morrer. Atentamos, assim, sobre a descrição das significações de práticas com vistas à categorização dos conteúdos emergidos e suscitados nas entrevistas tendo como referencial teórico-metodológico a análise de conteúdo.

Minayo (1994, p.199) citando Bardin, esclarece que análise de conteúdo:

É um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens.

Para alcançar o objetivo desse tipo de análise, aspectos semânticos e sociológicos suscitados pelo discurso são julgados. Nessa intenção, elementos psicossociais, contexto cultural e o processo de produção do enunciado da mensagem devem ser levados em consideração no proceder descritivo e analítico dos dados da pesquisa. Em síntese, a técnica decompõe-se em etapas *sui generis* como: leitura flutuante, a qual contribui para a determinação das unidades de significação com a categorização das mesmas, exploração do material coletado através de fragmentação do texto em palavras, frases, temas, personagens ou acontecimentos, os quais são quantificados e reunidos em categorias especificadoras do tema. Posteriormente, os dados são submetidos às inferências propostas pelo pesquisador, o qual realiza interpretações versadas em seu conteúdo teórico.

No que concerne ao aproveitamento do montante de dados e informações relevantes à investigação, realizamos um cruzamento descritivo de depoimentos e situações advindas tanto das entrevistas como do diário de campo. Ambos os tipos de instrumento subsidiaram um ao outro a fim de respaldarem a contextualização prática, favorecendo a compreensão das significações produzidas e relatadas em campo e discurso.

2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No presente tópico, discorreremos sobre os resultados da pesquisa realizada. Apresentamos uma análise sobre a construção da identidade dos bombeiros, destacando as concepções que esses profissionais têm sobre a morte e o morrer. Para isso, realizamos visitas a duas unidades do Corpo de Bombeiros da cidade de Fortaleza. Através da análise do conteúdo das entrevistas e das observações preliminares do campo foi possível conhecer aspectos relacionados à suas trajetórias de vida, sobre as experiências laborais, as percepções da morte e do morrer, bem como os impactos da atividade profissional na vida destes sujeitos.

2.1 Apresentação do Campo

De acordo com Holanda (1997), consta em registros históricos que o primeiro Corpo de Bombeiros, cuja organização nos dá a condição para chamá-la como tal, surgiu no primeiro século AC., uma criação do Imperador Augusto César, em Roma. Em sua formação estavam 600 escravos. Com o declínio do império, toda a estrutura social se desmonta, inclusive o trabalho contra os sinistros.

Em Portugal, 23 de agosto de 1395, por Carta Régia, D. João I tornou clara a preocupação com o combate a incêndios. Essa data marca o dia oficial de fundação do Corpo de Bombeiros para os lusitanos. A cultura de combate a incêndio atravessou o mar e chegou ao Brasil. Em nossas terras, durante o Segundo Reinado, os prejuízos causados pelo fogo eram frequentes. Dada a gravidade da situação, em 2 de julho de 1856, através do Decreto n.1.775, o Corpo de Bombeiros Provisório da Corte, com jurisdição somente no Rio de Janeiro, foi oficialmente criado. Em 1904, contávamos com a Associação dos Voluntários Contra Incêndios, que foi transformada nesse mesmo ano em Guarda Noturna, com uniformes e material trazidos da Europa.

No Ceará, o Corpo de Bombeiros foi criado em 8 de agosto de 1925 pela Lei n.2.253, pelo então Governador do Estado, Desembargador José Moreira da Rocha. Em 1934, a instituição atendia pelo nome de Corpo de Bombeiros de Segurança Pública do

Estado, tendo como primeiro comandante o 1º Tenente Francisco das Chagas Nogueira Caminha. O efetivo era de apenas 30 homens, advindos do Corpo de Segurança Pública, atual Polícia Militar do Ceará. Por meio de Decreto em 1935, passou a chamar-se Corpo de Bombeiros do Ceará, estando subordinado, até então, à Chefatura de Polícia e Segurança Pública, sendo seu efetivo aumentado para 76 homens. Naquela época, não possuía aquartelamento próprio, funcionava no Quartel-Geral da Polícia Militar, onde hoje é o 5º BPM. A desvinculação da Polícia Militar é recente, deu-se através da Lei n.11.673, de 20 de abril de 1990, o que garantiu autonomia ao Corpo de Bombeiros Militar do Estado como instituição que presta serviços de proteção a população.

2.2 Breve Perfil dos Entrevistados

A maioria dos participantes já possui, ou está em andamento, a formação superior em áreas diversas, como: teologia, pedagogia e educação física. Grande número do efetivo é do sexo masculino, possivelmente por se tratar de uma instância militar com tradição no ingresso da força masculina. Porém, hoje mulheres também são empregadas pela corporação, em especial nos serviços de atendimento de urgência. As oito entrevistas que dispomos foram concedidas por homens.

Quanto ao tempo de atuação, todos os entrevistados têm mais de dez anos de profissão. A razão, é que a última entrada de soldados para o contingente deu-se há cerca de doze anos. Mas, recentemente, em 2006, foi realizado novo concurso. No edital, foram ofertadas trezentas vagas. Segundo os participantes, esse número ainda é insuficiente para cobrir as necessidades de material humano que a corporação possui atualmente. As atribuições do Corpo de bombeiros ampliaram-se, além dos trabalhos de resgate e controle do fogo, existem atividades desenvolvidas na área social, algumas dessas voltadas para a formação de voluntários na prevenção de acidentes domiciliares e de combate a incêndios. Vale ressaltar que os nomes, aqui apresentados, são todos fictícios, para a manutenção do sigilo ético.

3. SOCIABILIDADE: O OLHAR DO OUTRO

Escrito por dois bombeiros brasileiros, em 26 de outubro de 1917, na cidade do Rio de Janeiro, o “Hino do Soldado do Fogo”, é adotado por todos os Corpos de Bombeiros do País, e intenta o detalhamento da valorosa missão sustentada em prol da manutenção da segurança e preservação da vida alheia. Das possíveis interpretações da canção, se pode destacar a representação do soldado virtuoso, e bravo combatente. O seu agrupamento é o escudo reserva de proteção do Estado, e sua bravura o conduz a desafiar os riscos da morte de frente.

Hino do Soldado do Fogo

Tenente Sérgio Luiz de Mattos (letra)
Capitão Antônio Pinto Júnior (música)

Contra as chamas e lutas ingentes
Sob o nobre alvirrubro pendão,
Dos soldados do fogo valentes,
É na paz, a sagrada missão.
E se um dia houver sangue e
batalha.
Desfraldando a auriverde bandeira,
Nossos peitos são férrea muralha,
Contra audaz agressão estrangeira.

*Missão dupla o dever nos aponta: Vida alheia e riqueza salvar
E, na guerra punindo uma afronta
Com valor pela Pátria lutar.*

Aurifulvo clarão gigantesco
Labaredas flamejam no ar
Num incêndio horroroso e dantesco.
A cidade parece queimar

Mas não temem da morte os bombeiros
Quando ecoa d'alarme o sinal
Ordenando voarem ligeiros
A vencer o vulcão infernal.

*Missão dupla o dever nos aponta:
Vida alheia e riqueza salvar
E, na guerra punindo uma afronta Com valor pela Pátria lutar.*

Rija luta aos heróis aviventa,
Inflamando em seu peito o valor,
Para frente que importa a tormenta
Dura marcha de sóis ou rigor?

Nem um passo daremos atrás,
Repelindo inimigos canhões
Voluntários da morte na paz
São na guerra indomáveis leões

*Missão dupla o dever nos aponta: Vida alheia e riqueza salvar
E, na guerra punindo uma afronta
Com valor pela Pátria lutar.*

Dos elementos que regem a humanidade, a morte e o terror que tal acontecimento proporciona, talvez seja, o mais significativo. O morrer representa a grande barreira intransponível para os nossos desejos. A figura do herói, nos mitos, é desenvolvida a partir da atitude de um ser capaz de driblar a morte. E, se com o ato de desafiar a morte for capaz de tornar-se imune aos seus efeitos, torna-se um deus. Para Becker (1973, p.25), “O heroísmo é, antes de qualquer coisa, um reflexo do terror da morte. O que mais admiramos é a coragem de enfrentar a morte; damos a esse valor a nossa mais alta admiração e mais constante adoração”.

O bombeiro é reconhecido socialmente como um militar diferenciado. A representação social do “soldado do fogo”, esta ancorada na imagem do “herói”. O destemor na hora de agir, lançando-se em um rio, com águas agitadas por uma enchente, e retornando a margem, trazendo em seus braços um menino que, certamente, teria morrido afogado, se não tivesse a sua intervenção. Situações como esta exemplificada, faz do bombeiro aos olhos da população, sobretudo, um bravo.

O compromisso de garantir proteção, na tentativa de livrar a população de determinadas situações de risco, faz com que, não raro, o bombeiro admita em sua subjetividade a missão de impedir que a morte ocorra. Em tese, aceitando no seu íntimo, a identidade fantástica de “homem-herói”. Essa reação pode justificar a sensação de culpa, que um número significativo dos participantes deste estudo, verbalizaram sentir, quando passam pela experiência conseguir resgatar a vítima com vida.

“Se a gente não consegue salvar a vítima com vida, vem aquela sensação de incapacidade, de impotência. Você acha que não fez tudo, que poderia ter feito mais, que deveria ter chegado antes. Se culpa pelo que aconteceu”.(Samuel)

“Essa é uma situação de bastante tristeza, pois, mesmo sendo o resgate de um cadáver, a gente sabe que esse resgate não vai ser recebido com alegria. É diferente de resgatar uma pessoa, e realmente privá-la da morte. Mexe com a

gente. Quando não salvamos a vida, vem aquela sensação de impotência”.
(Pedro)

Mas, não é somente em situações de perigo que se é possível perceber a atenção dos bombeiros junto à comunidade. O Corpo de Bombeiros vem desenvolvendo através de uma política preventiva a difusão da noção de valorização da vida, através de vários projetos desenvolvidos junto à população, buscando promover a conscientização do cidadão no que diz respeito a sua função cooperativa.

A população se percebe acolhida, e beneficiada por conta das iniciativas tomadas pelo Corpo de Bombeiros em prol do social. A opinião positiva sobre os serviços prestados pelos bombeiros é quase que unânime. Salvo, quando em momento de angústia, diante da dificuldade de aceitar a perda de alguém que ama, ou de reconhecer os prejuízos causados pela própria imprudência, a população ao sentir a carência por um culpado real, projeta sobre o responsável pelo atendimento de urgência, no caso os bombeiros, boa parte da frustração pelos danos que sofreu. O maior motivo de crítica negativa, esta no tempo gasto pela equipe de socorro para chegar até o local da ocorrência. Sobre isso, é importante destacar que houve um aumento do número de viaturas disponíveis para atendimento. Todavia, são freqüente os registros de ocorrências graves que se dão exatamente no mesmo momento. Além disso, os esforços dos bombeiros para chegar com rapidez ao local indicado brecam diante da deficiente educação no trânsito.

“Segunda-feira, eu vinha com minha esposa e meu filho. Passei no carro, e vi que tinha acabado de acontecer um acidente. Pedi pra encostar. Houve uma colisão de uma bicicleta com uma moto. Eu pedi pro meu filho colocar o carro, assim, protegendo tanto a mim, quanto a vítima... Ai você sente o quanto as pessoas não tem aquele senso de vida, não vêem que naquele momento tem alguém que esta precisando de ajuda. Os carros, eu queria que você visse. Estavam passando por um lado, e pelo outro. Eu com o celular pedindo socorro, ouvindo: ‘Rapaz, eu quero passar!’ É triste... Não é querendo que as pessoas sintam pela vida o mesmo valor que eu dou. Mas, acho que todos deveríamos fazer uma análise. Parar, mesmo nas salas de aula.” (José)

Na correria frenética do dia a dia, o tempo para pensar na necessidade do outro tornou-se escasso. Quando o humano trouxe para o intimo de suas relações, modelos deturpados da ideologia capitalista, aproximou-se de um estagio critico de egoísmo, no qual a vida do outro já não é muito importante. Sendo assim, é delicado ter que perder tempo

dando passagem para outro, mesmo que esse outro esteja no limite entre a vida e a morte dentro de uma ambulância. O que muitas vezes ocorre é que o motorista já está a 15 minutos atrasado para entrar no trabalho, e se atingir a marca de 20 minutos o empregador declara “morte súbita”, deixando nos registros de sua carteira de trabalho algo do tipo, “aqui jaz um desempregado”

4. O COTIDIANO DO BOMBEIRO MILITAR: AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E O DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

Os bombeiros cumprem, em média, uma carga horária de 40 horas semanais, com acréscimo de plantões de 24 horas, a serem realizados no mínimo duas vezes ao mês. A rotina de trabalho é baseada no inesperado. Aqueles que ficam de plantão como oficiais-dias no quartel, além das atividades internas aguardam as ocorrências que são comunicadas via rádio. Todas as ocorrências são repassadas pelo serviço do CIOPS (Centro Integrado de Operações Policiais).

Em ação, os primeiros procedimentos são o isolamento da área, averiguação da gravidade da situação e a constatação do estado das vítimas. Uma das grandes dificuldades durante um socorro em via pública é conter a ação de curiosos que se aglomeram no local, ou de pessoas comuns que tentam prestar assistência sem tomar as devidas precauções.

A gente também se põem em risco. No caso de um acidente você tem que isolar a área, pensar primeiro na sua preservação, para poder seguir com os procedimentos. Acontece de algum curioso ir olhar o acidente na estrada, e se acidenta também. Já teve caso de um cara que foi ajudar um outro num acidente. Ele parou entre um caminhão e outro, quando veio um outro e bateu. Imprensou o cara no meio dos dois caminhões. Ele morreu (Gabriel).

O bombeiro busca agir com precisão, para isso suas atenções devem estar, integralmente, voltadas para a atividade que executa. Precisa estar bastante atento ao tempo, para que os procedimentos sejam realizados com sucesso. Entretanto, não basta o conhecimento técnico apurado, como se as atividades estancassem num mecanismo exclusivamente racional, as questões ligadas às dificuldades particulares desses

profissionais, tais como: ansiedade, satisfação ou insatisfação em relação ao trabalho, preocupações financeiras e conflitos familiares, deveriam ser tratadas com maior cuidado. Um descuido durante a execução de um procedimento pode ser danoso, e algumas vezes fatal.

Nós já tivemos caso, inclusive, de um grande amigo meu da época do salvamento. Ele, já acostumado em fazer o serviço, mas estava passando por algumas dificuldades financeiras, e no seu relacionamento. Uma má condição financeira pode gerar problemas secundários nos relacionamentos. Bom, no dia a dia, normal, ele foi fazer uma extinção de abelhas. Entrou no local, colocou gasolina no ambiente, pois só o cheiro mata as abelhas. Era um quarto, dentro deste quarto tinha um closet, e as abelhas estavam bem no canto deste closet. Ele fez, o que tinha que fazer, fechou a porta do closet, e deixou lá...quando ele entrou, por um momento de falta de atenção, ascendeu a luz, e isso foi o suficiente. Um cara daquele jamais cometeria um erro desse, já estava acostumado, sabia dos riscos. E como o ambiente já estava repleto de gás, houve uma explosão, e ele virou uma tocha humana (Tomé).

Existe uma ansiedade provocada, principalmente pelo fato que, no instante que partem em socorro a um chamado, não há meios de se ter clareza sobre as reais proporções de um incidente. Dejours (1995), orientando uma discussão sobre as repercussões da organização do trabalho à vida do trabalhador, questiona e revela um sofrimento não reconhecido, oculto, invisível, subjetivo. Para ele, o sofrimento se expressa em duas formas: a ansiedade e a insatisfação. A ansiedade figura enquanto um estado de tensão interna, experimentado como desagradável e penoso pelo sujeito. É um estado de espera, de um acontecimento potencial que surgindo colocaria em perigo a integridade da pessoa. A ansiedade responde a um risco, um perigo latente que ainda não é atual, mas pode tornar-se. Muitos bombeiros se perdem em ação, seja por falha humana ou acometidos pelas “armadilhas” no ambiente, o inesperado criado pela gravidade da ocorrência.

Indivíduos submetidos a constantes pressões carecem de um meio para extravasar suas angustias. O alívio algumas vezes é encontrado na crença em princípios religiosos, que proporcionam a sensação de que existe uma força que os protegem dos males, no bom relacionamento com os amigos de trabalho, no valor atribuído as suas ações, ou em substâncias que acreditam anestesiarem temporariamente o sofrimento. Como destacou Tomé, “A escala não mede quem está passando por dificuldades. E assim, muitos

profissionais se perdem. Perdem-se nas drogas, no álcool, que também não deixa de ser uma droga”.

Com o soar da sirene no quartel, esses trabalhadores revestem-se com armadura fantástica do destemor, e partem em resposta a um pedido de socorro. O bombeiro pode ser acionado sempre que um civil não se vê em condições de solucionar algum problema, que ponha em risco a sua vida ou a de qualquer outra pessoa. Conforme explicou José:

É possível chamar os bombeiros em qualquer situação, desde que, você não tenha conhecimento do que fazer. Quer seja um gato no telhado, uma fechadura que não abre. Quando você não tiver em condições de resolver alguma coisa deve chamar os bombeiros.

“O bombeiro deve ser chamado quando você não sabe como proceder”, uma sentença do tamanho da responsabilidade de suas ações. Aqui, não se tem a pretensão de criar um tipo de representação similar aos personagens heroicos de mitos antigos ou de estórias em quadrinhos, destacamos, apenas, a história de indivíduos e suas angústias reais. Homens comuns que são pais, filhos e maridos, que estão preparados tecnicamente, mas, que possuem medos e sentem dor como qualquer outro. O limite para a bravura esta no fato de que, apesar da identidade de bombeiros, ainda sim, são humanos:

Quando a gente vai atender uma ocorrência, nos expomos. A gente sai de casa deixa os filhos e a esposa. A gente tem a esperança de voltar no outro dia. Mas, não devemos descartar a possibilidade de não voltarmos...Tanto é que na quinta-feira eu estava de serviço, e ao sair de casa, pedi a Deus...Será que amanhã eu vou retornar para ver meus filhos? (Pedro)

As ações desenvolvidas pelos bombeiros são diversas: prevenção e combate a incêndios; busca e salvamento; prestação de socorros nos casos de inundações, desabamentos, catástrofes e calamidades públicas; e entre outras que se fizerem necessárias à proteção da comunidade. Vão desde o resgate do gatinho que não sabe como descer de uma árvore; da poda de um coqueiro; até às buscas pelos corpos carbonizados das vítimas de um grande desastre aéreo, como o ocorrido com o avião da empresa TAM, em julho de 2007 no aeroporto de Congonhas; ou a retirada de 42 pessoas, mortas por afogamento, que se encontram presas dentro de um ônibus submerso em um rio, como foi o caso do acidente

ocorrido em 2004 no interior do Ceará. Ou ainda, o resgate de duas crianças, que morreram após terem ficado presas pelo cinto de segurança, no interior de um automóvel que veio a incendiar, logo depois de uma colisão. Mesmo já familiarizado com as atividades, algumas imagens trazem grande carga emotiva e esbarram no reconhecimento, na identificação do bombeiro com relação ao humano que está ali, morto. O pesar parece ser sempre maior quando as vítimas são crianças, pois, as referências com seus filhos é inevitável e imediata.

É, na verdade quando a gente pega uma ocorrência dessa, uma tragédia, a gente esquece por alguns momentos do mundo civil, da parte de se comover, é aquela coisa...a gente quer é tirar do sofrimento os que ficaram. A família só vai acreditar quando ver o corpo...Só depois que termina o serviço é que a gente vai pensar naquela situação...Naquele dia, depois que nós fizemos todo o serviço, e se deu por encerrado, e as 42 pessoas constadas como mortas, a gente fez um círculo demos as mão e não teve quem não demonstrasse sentir...No próprio acidente do ônibus, teve um colega nosso que não conseguiu mergulhar. Ficou dentro d'água, mas, não conseguiu. Ele é um cara evangélico, e sentiu muito em saber que tinham aquelas pessoas lá em baixo, que tinha no meio crianças (João).

Tive a infelicidade de passar por isso...foi uma colisão que teve na Av. Santos Dumont, onde duas crianças foram carbonizadas. A mãe estava levando elas, e elas presas no cinto de segurança...eu não lembro se um carro bateu nela, ou se ela bateu na traseira de um carro. Sei que o carro incendiou. A mãe conseguiu sair, mas não teve tempo de pegar as crianças. Quando nós chegamos...lá tinham duas crianças carbonizadas dentro de um carro. Aquilo ali pra mim foi horrível. Puxa! Duas crianças (Tomé).

Em serviços como os realizados pelos socorristas de urgência, como é possível definir o sucesso ou o insucesso de uma operação? Como esclarece Bouyer (2006), “O trabalho dos resgatistas consiste, segundo os critérios formais prescritos (tarefas), em prestar socorro rápido às vítimas, utilizando técnicas de primeiros socorros, sem discriminar os acidentados segundo o seu estado aparente”. A medicina moderna parece ter definido como único resultado satisfatório à manutenção da vida. Assim como para os médicos, os bombeiros trabalham com o objetivo de preservar vidas. Todavia, isso nem sempre é possível. Os bombeiros entendem a difícil responsabilidade de comunicar a família sobre a morte do ente querido, e mais, compreendem o sentido do corpo para os familiares.

Um detalhe é saber que a nossa função, ela ultrapassa até mesmo a questão da vida. Um exemplo, os corpos, eles são importantes para as famílias. Por isso que nosso lema é “Vidas alheias e riquezas salvar!”. Tanto o patrimônio, como o corpo físico é importantes para a família... em algum acidente, mesmo sabendo que todos já estão mortos, temos a função de resgatar para que a frustração daquela família não seja maior ainda (Lucas).

5. OS SENTIDOS DA MORTE

Um total de 90% dos nossos entrevistados utiliza-se de pensamentos difundidos pelas religiões de origens judaico-cristãs., concebendo a morte como uma passagem para um outro plano paralelo e mais pleno de graça, ou como um sono profundo, do qual os justos despertarão para a glória ao lado de Deus.

A morte nada mais é do que uma passagem dessa vida terrena para a eternidade. E sinceramente, eu acredito que haja uma vida após a morte (Samuel).

Vemos a morte como a porta de acesso para a eternidade que será com Deus ou distanciada de Deus. Eu vejo como o cessar da existência aqui na terra. É bem verdade que você sabe que existe algo muito mais profundo do que isso...é o livro da tua vida sendo fechado. Todo isso repousa numa bem aventurada esperança (Pedro).

O visível desconforto, o silêncio que antecedeu as respostas de alguns dos entrevistados para a pergunta: *Como você definiria a morte?* é uma sinalização para a dificuldade em lidar e entender o processo do morrer, mesmo para pessoas que estão em atividades diretamente relacionadas a esse fenômeno, e que já presenciaram várias mortes. Assim, se a morte é decodificada mais facilmente quando se pensa sua intervenção no trabalho, o mesmo não acontece quando ela adquire um sentido mais pessoal.

Parte dos entrevistados tiveram suas primeiras experiências com a morte durante a infância, principalmente, através da perda de seus animais de estimação:

Eu tive um cachorro. Eu senti muito a morte do animal. Era um pastor alemão que papai tinha me dado de presente (João).

Da infância o que eu me lembro muito é que eu era muito apegado a um carneiro, que meu pai comprou pra mim. Brinquedo a gente tinha pouco. O pessoal criava pra matar... até criou uma polêmica lá em casa, porque quando mataram esse carneiro...Eu tenho dois irmãos lá em casa que até hoje não comem carneiro,

porque o carneiro era apegado na gente e quando o a gente ficou muito triste (Gabriel).

Outras experiências significativas ocorreram na fase adulta. A separação de familiares e amigos, até hoje são lembradas com pesar..

Rapaz, eu falo com muito carinho do meu pai porque ele merece. Ele foi um cara batalhador, vencedor mesmo...antes eu sofria muito quando falavam do meu pai, chorava bastante, e hoje não, falo dele assim com um carinho. Era uma pessoa que eu amava de verdade, que eu amo de verdade. É tanto que as vezes eu nem aceito muito, é de mim mesmo, eu não aceito muito o finado meu pai, nunca disse essa frase. Meu pai esta no meu coração, vai comigo e acabou (José).

Medo da morte? O escudo da fé usado por alguns auxilia na compreensão dos sentidos do processo do morrer. Além disso, quase que diariamente enfrentam situações onde comprovam que não há quem da morte consiga escapar. Essa constatação condiciona o bombeiro a realizar a naturalização da morte.

Medo mesmo de morrer, acho que não. Não queria agora (João).

Medo, medo de morrer...eu não tenho não. Acho que o medo é só da hora. Ninguém sabe a hora que vai morrer (Gabriel).

Essa naturalização é facilmente abalada, pois, mesmo adaptados a lidar com a morte do outro, nem todos conseguem refletir naturalmente sobre a própria morte.

Nunca pensei não. Acho que para isso ai é a decisão de Deus (João).

A nossa morte é uma coisa que a gente não pensa muito, a gente quer é fugir, não é? Eu sempre peço a Deus é que eu possa realizar um trabalho, porque você passar nessa vida e não marcar...Mas como é esse trabalho? Esse trabalho é deixar os meus filhos com um caráter bem formado (Lucas).

Eu falo de morte, dos momentos que a gente passa. Mas, se eu parasse para pensar que eu vou embora daqui sem voltar mais, eu entro em pânico (José).

Foi proposto para cada um dos entrevistados que refletisse como reagiria se lhe restassem somente poucos dias de vida. A maioria respondeu que buscaria seguir com suas

rotinas, o que indica que existe satisfação pelo que fazem. A grande transformação estaria na tentativa real em comunicar àqueles que durante a vida estiveram do seu lado o quando são importantes.

Eu acho que minha atitude, se eu soubesse quando iria morrer, seria falar dos meus sentimentos, primeiramente para a minha família. Falaria que amava, e que eles são importantes para mim (Lucas).

Se eu soubesse quando iria morrer...Eu continuaria com o mesmo trabalho que eu venho fazendo, Não mudaria em nada (José).

Se eu só tivesse poucas semanas, acho que não mudaria muito do meu dia a dia não (Gabriel).

Sustenta-se um estereótipo que pessoas que trabalham com a morte, em tese, assumem um comportamento insensível aos aspectos da finitude, e principalmente, tornam-se inabaláveis diante dos questionamentos que a morte do outro pode suscitar. No caso específico do bombeiro, a naturalização da morte realiza-se à medida que cresce o valor que este atribui a vida. A constância com que se depara com a morte acaba por tornar aquela experiência algo comum, o que é bem diferente de tomar certas circunstâncias como banais.

Eu acredito que, claro que nos bombeiros você vive diariamente com a morte, é diferente...a morte ela sempre choca...mas, como a gente convive com a morte, talvez venha a nos chocar menos do que a outras pessoas, porque, a gente esta convivendo...é igual a um legista, ele trabalha com cadáver ele não vai se chocar como uma pessoa qualquer. Mas, sobre explicar, ou até mesmo entender a morte, acredito que a gente é igual a qualquer outra pessoa. Porque é realmente algo difícil da gente compreender, difícil da gente aceitar. E isso é algo normal, talvez eu consiga entender mais a morte por conta desse meu lado religioso, bem diferente do lado profissional. Acho que a gente é chocado menos. Mas no entendimento somos iguais a qualquer pessoa (Lucas).

Assim, o discurso dos bombeiros revela uma cisão subjetiva entre o acostumar-se ao lidar com a morte em seus aspectos instrumentais e práticos decorrentes do trabalho e os significados do morrer para a vida pessoal. A vida vai impondo situações onde as emoções vão produzindo acomodações embora isso não exima de todo a possibilidade e sofrer. Entretanto, lidar com a morte não implica necessariamente em aceita-la com

naturalidade. Tentar superar essa cisão e/ou tomar consciência de seus virtuais impactos na vida pessoal será uma das determinações do ser bombeiro, identidade imbricada em complexo conjunto de ações técnicas e significados ético-morais que transformam esse trabalhador num militar que busca resgatar vidas, mas tem como uma de suas funções trazer os corpos sem vida para pessoas enlutadas.

6. MORTE E TRABALHO: a configuração da identidade dos trabalhadores que lidam em direto contato com a morte

Em relação ao conceito de identidade, este, na modernidade, foi pensado por cientistas sociais como produto social, apesar de não se poder dizer que se construiu um pensamento unânime. Ao contrário, a literatura especializada aponta para diversas diferenças existentes entre tais autores. Freitas (1997) traz em sua obra uma abordagem que ressalta os principais aspectos ligados à identidade, assim como, autores basilares para a discussão desse tema. Segundo a autora, pensar identidade é concebê-la como “[...] forças ativas e insurgentes, ligadas a relações sociais mais amplas e direcionadas por um futuro; é pensar sobre identidades que caracterizam por serem abertas e por estarem voltadas para fora, para a história”.

Nesse sentido, a questão da identidade é tratada a partir de uma visão dialética, ou seja, uma relação contínua entre o “eu-outros”, de forma que a identidade é mantida, modificada ou remodelada através da interação entre a estrutura social e as identidades individuais e/ou coletivas. A primeira age sobre estas através dos processos sociais, assim como, estas agem sobre a estrutura social dada, de alguma forma modificando-a em seus aspectos determinantes ou constitutivos.

O conceito de História está posto como uma progressiva e contínua “hominização” do homem a partir do momento em que começa a produzir suas condições de existência e, por decorrência, produzindo a si mesmo. Assim, o homem é um ser de possibilidades que comporiam sua essência histórica. A diuturna continuidade deste desenvolvimento configura aquilo que Heller (1986) chama de *constituição da essência humana*. Esta substância só deixa de existir na medida em que não houver mais o homem

ou a história. Cada um de nós participaria então de parte desta substância, entretanto esta não poderia ser encontrada de forma completa em cada indivíduo isoladamente.

Para Ciampa (1986, p.70), a identidade é metamorfose. Como analisa o autor: “É do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade”. Ciampa (1986) entende, portanto, a construção da identidade não como um ato isolado, mas sim, uma intrincada relação dialética do indivíduo com a cultura, os sistemas de significações, a história, as condições mediatas e imediatas de existência; diante do que, a identidade só tem sentido quando há quem a reconheça.

A presença da morte, e do sofrimento diante da finitude induz os bombeiros, em alguns momentos, a pensarem sobre as condições de vida e de morte das vítimas. O temor passa a se estabelecer em relação a mortes por causas evitáveis, em especial, as decorrentes da violência urbana. O medo não está somente na imagem do corpo morto, mas, na reflexão de que aquele determinado cidadão perdeu a vida pela ação criminosa de outro: "Primeira coisa, eu não tenho medo dos mortos, tenho medo dos vivos. Quem está morto não faz medo a ninguém...Não tenho medo de morrer tenho medo do pessoal me matar (Tiago).

A indeterminação do dia da morte, do modo como ela ocorrerá é elemento estruturador de ansiedade. Cada credo ou corrente filosófica, cada grupo se apropria das respostas que melhor lhes satisfazem. Em decorrência do trabalho que executam, uma espiritualidade bem definida, aparece como essencial para a satisfação de necessidades específicas como a própria percepção da morte. Através dos depoimentos, percebemos que a conceituação da morte é elaborada a partir da mescla do conhecimento advindo das ciências e dos desígnios da religião conformando identidades que em seus aspectos constitutivos formam um todo complexo e contraditório:

Na minha opinião, a morte ela é apenas uma passagem, uma separação entre o corpo e o espírito. Eu acho que a essência do ser humano não é o corpo, nosso corpo físico, ele é perecível, mas, sim a nossa alma, o nosso caráter, a nossa mente. Eu acredito que essa não morre com o corpo. E acredito que após a morte como há uma separação da alma com o corpo, ou a pessoa vai ter um encontro com Deus, ou não vai ter encontro com Deus. Eu creio que a morte não é o fim, é apenas uma passagem (Lucas).

As vidas que são preservadas pela ação dos bombeiros, evidentemente são importantes. Mas, sobre aquelas pessoas, os bombeiros ainda não conhecem nem mesmo o nome. São pessoas estranhas ao seu convívio, aos seus afetos. Questionamos se haveria alguma reação mais intensa no salvamento de pessoas conhecidas ou da família. As respostas se dividem, a consciência do bombeiro reage quando o motivo apontado pela legislação da Corporação indica que, toda vida é essencialmente importantes, seja a vítima conhecida ou não, a missão do bombeiro é sempre a de socorrer a vida que corre perigo. Para alguns admitir que, em termos subjetivos, o socorro da própria mãe, ou do seu filho é mais delicado, soa quase sempre como algo contrário ao padrão para o seu agir profissional. Neste ponto, Ciampa (1986, p.131) também contribui quando afirma que: "Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso":

Não é diferente, porque sinceramente, que seja um familiar, ou qualquer pessoa é quase igual... Agente sofre, porque é uma perda sempre (Tiago).

Uma vez eu estava de serviço na ambulância, e a minha mãe estava com problemas cardíacos. Mandaram eu ir. É estranho porque quando você está atendendo, você quer o melhor para o seu familiar. E quando demora o atendimento, você se estressa mais. Acho que isso não deveria acontecer, deveriam mandar outra pessoa socorrer (Gabriel).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os bombeiros cotidianamente lidam com a vulnerabilidade humana, lidam diretamente com vítimas que tiveram seus corpos mutilados por desastres no trânsito, ou desfigurados pela ação das chamas. A recorrência dessas imagens atenuam seus impactos subjetivos, e condicionam os sujeitos a elaborarem um tipo de naturalização do morrer. Isso não implica necessariamente na ausência de sentimento perante a morte do outro. É possível admitir que a reflexão sobre a morte, provocada por suas atividades, inspira nestes, uma maior valorização e cuidado com a vida.

A identidade do bombeiro configura indivíduos com o conhecimento técnico especializado que é o primeiro recurso usado na tentativa de manutenção da vida diante uma situação de perigo. A partir dessa afirmativa avaliamos a importância de um

treinamento bem estruturado antes de efetivamente partirem a prática. Para um oficial em exercício não é permitida a negação ao atendimento de uma ocorrência, sob risco de penalidade. Muitos dos recém admitidos na Corporação não tiveram a vivência do recrutamento militar, são jovens que vislumbram a estabilidade financeira através de um concurso público. Daí a insegurança e a tensão dada à intensa exigência. O desgaste físico e emocional é motivo do crescente número de licenças médicas.

A partir desta pesquisa tivemos a possibilidade de desmistificar o estigma que recai sobre as pessoas que trabalham em contato com a morte, que aponta para a insensibilidade como estas pessoas lidam com o corpo morto. Esses personagens são, sobretudo, humanos, que sentem dor, medo, tristeza, e que por isso são sensíveis à angústia da vítima e de seus familiares.

Para a maioria dos entrevistados as percepções sobre a morte e o morrer aparecem entrelaçadas a princípios religiosos, condição que reduz a ansiedade provocada pelo conhecimento da finitude. Não há uma efetiva atenção para os possíveis impactos que as vivências com a morte enfrentadas pelos bombeiros podem gerar, e muitos preenchem essa lacuna com o conforto psicológico proporcionado pela explicação religiosa.

Os bombeiros são militares. É a conduta militar, sua organização, hierarquia verticalizada e espírito de corpo que parece oferecer ao bombeiro o escopo para situações que em seus aspectos destrutivos fazem lembrar conflitos e guerras: explosões, incêndios, desabamentos, inundações, mutilações, sofrimento e morte. Mas diferente do sentido belicista da maioria das organizações militares, o bombeiro quer salvar e resgatar. Aqui talvez exista um dos sentidos mais belos da identidade do bombeiro. Ele lida com a morte muitas vezes em situações limite, mas parece sair ileso do contágio com negatividade da morte em nossa sociedade como acontece com outras profissões como os agentes funerários. Antes de lidarem com a morte, a história lhes configurou a identidade do soldado que coloca a vida em risco não para se opor e destruir mas para salvar ou, então, para resgatar o cadáver, função primordial para que os rituais de adeus possam ser realizados e a vida siga adiante.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUYER, Gilbert Cardoso; SZNELWAR, Laerte Idal; COSTA, Maria José Birro (2006). Subjetivação e sofrimento no trabalho: o "si" que "se" produz na atividade. **Memorandum**, **11**, 43-58. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a11/bouyer01.htm>. Acesso em 16 de abril de 2016.

BECKER, Ernest. **A Negação da Morte**. São Paulo: Círculo do Livro, 1973

BRASIL, **Decreto n.1.775** de 2 de julho de 1856 do Corpo de Bombeiros Provisório da Corte.

CEARÁ, **Lei n.2.253** de 8 de agosto de 1925.

_____, **Lei n.11.673** de 20 de abril de 1990, do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará.

CIAMPA, A. da C. **A estória do Severino e a estória da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Juliana Cardeal da; LIMA, Regina Aparecida Garcia de. Luto da equipe: revelações dos profissionais de enfermagem sobre o cuidado á criança/adolescente no processo de morte e morrer. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.13, n.2, p.151-157, mar-abr, 2005.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do trabalho**. São Paulo: Cortez/Oboré, 1995.

Hino do Soldado do Fogo, Letra de Tenente Sérgio Luiz de Mattos e Música de Capitão Antônio Pinto Júnior.

HOLANDA, J. X. **Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Ceará**, Fortaleza: Museu do Ceará, 1997.

FREITAS, Lenita. **E uma carreira profissional sólida se desmancha no ar**: um estudo psicossocial da identidade. São Paulo: Cabral, 1997.

HELLER, Agnes. **Teoría de las necesidades em Marx**. 2. ed. Barcelona: Provença, 1986.

KASTEMBAUM, Robert; AISEMBERG, Ruth. **Psicologia da morte**. São Paulo: Novos Ubrais/EDUSP, 1983.

LORENÇON, Marisa. Auto-percepção de aluna de enfermagem ao desenvolver relação de ajuda a familiares de criança em fase terminal. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.6, n.4, p.57-65, out 1998.

MARTINELLI, M. L. (Org.). **Pesquisa qualitativa**- um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999.

MINAYO, Maria Cecília (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes. 1994

PINTO, Cristina Barroso; VEIGA, Francisco Miranda. A morte no início da vida. **Nascer e Crescer**, Lisboa, v.14, n.1, p.38-44, 2005.

PORTUGAL, **Carta Régia**, D. João I, 23 de agosto de 1395

.

RIBEIRO, Maria Cecília; BARALDI, Solange; SILVA, Maria Júlia Paes da. A percepção da equipe de enfermagem em situação de morte: ritual do preparo do corpo "pós-morte". **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v.32, n.2, p. 117-123, ago. 1998

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, atualmente é professor adjunto K da Universidade Federal do Ceará.

² Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Ceará, é membro do Grupo de Estudos Tanatológicos da Universidade Federal do Ceará.

³ Bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Ceará, atualmente é Assistente Social do Centro de Referência LGBT Janaina Dutra, vinculado a Coordenadoria da Diversidade Sexual da Secretaria de Direitos Humanos de Fortaleza.

RECEBIDO EM: Setembro de 2015

APROVADO EM: Abril de 2016